

Honrado com o generoso convite desta Faculdade e do Luso-Brazilian Center da Universidade de Winsconsin para falar-vos da Sociedade Colonial do Sul do Brasil ou tema semelhante, julguei que não poderia, sem ~~minha~~ petulância, querer abordar aqui matéria tão amplamente versada por autores desta terra e ~~conhecida~~ de vossa intimidade. Professor e historiador de São Paulo, sem acesso imediato a ~~uma~~ parte considerável das fontes primárias acerca do assunto sugerido, arriscava-me a trazer-vos alguma contribuição insegura e rala, quando não alguma tentativa mal apoiada de interpretar fatos bem conhecidos.

Havia, sem dúvida, a possibilidade de recorrer ao documentário abundante, e muitas vezes inédito, que guardam os arquivos paulistas, sobre questões históricas que igualmente interessam a vossa e a minha terra. Entre esses, as que se relacionam às correntes de povoadores paulistas e vicentistas, que depois de alcançadas Paranaguá, Curitiba, São Francisco do Sul, a ilha de Santa Catarina, Laguna, se firmam nos campos do Viçosa para se alastrar <sup>no</sup> continente. <sup>Por exemplo</sup> Ou ~~os~~ famosos recrutamentos para as forças de linha e companhias de aventureiros, mais tarde para a Legião de São Paulo, que em certos momentos chegou a absorver a maior parte dos homens válidos da sua capitania e tamanho papel há de ter nas campanhas militares do Rio Grande e da Banda Oriental até o desaparecimento, depois da Independência, dos corpos regionais: dessas forças é sabido que muitas não voltarão mais à terra de origem. O caso, em particular, da cavalaria da mesma legião paulista que convertida, toda ela, em dezembro de 1824, no 3º Regimento dessa arma, vai ficar para sempre no sul.

E como esquecer, para não ir muito além, o comércio de animais, iniciado em escala notável, quando Cristovam Pereira de Abreu torna a São Paulo em 1733 pelo novo caminho, que acabava de melhorar, levando perto de 3.000 cavalgaduras de toda sorte e 300 vacuns colhidos nos campos do sul e vendidos depois nas Minas com largo proveito: ? Tanto que só as cavalgaduras entradas vão render mais de 10.000 cruzados para a Real Fazenda. Esse negócio que, com o tempo, terá seu fulcro normal nas célebres feiras de Sorocaba, logo se populariza entre os naturais da capitania de São Paulo, que nele acham bom emprego para seu ânimo a-

Ventureiro.

Retomando neste ponto palavras que há tempos me foi da-  
do escrever sobre essa fase de nossa história, da história do sul  
do Brasil, ~~de~~ <sup>lembrarei</sup> que com as feiras sorocabanas, se ~~assinala~~ <sup>assinala</sup> uma e-  
tapa nítida no desenvolvimento de toda essa região. Os grossos  
cabedais que nelas se apuram tendem a suscitar uma nova mentali-  
dade em suas populações. Em São Paulo o tropeiro é o sucessor di-  
reto do sertanista e talvez o precursor, em muitos pontos, do gran-  
de fazendeiro. A transição faz-se sem violência. O gosto da a-  
ventura que ~~admitia~~ <sup>admitia</sup> e não raro ~~reclamava~~ <sup>reclamava</sup> agressividade, encaminha-  
se pouco a pouco para uma ação mais disciplinadora. Ao fascínio  
dos riscos e da ousadia turbulenta substitui-se agora o amor às  
iniciativas corajosas e que nem sempre grangeiam proveito inedia-  
to. A atração da pecúnia, alcançada a prazo longo, vence ~~e inte-~~  
~~resse pela simples~~ <sup>a sedução da</sup> rapina. Aqui, como nas monções do Cuiabá, u-  
ma vontade mais paciente do que a do bandeirante, ensina a medir,  
calcular oportunidades, contar sempre com os possíveis danos e as  
perdas.

Tudo isso vai afetar vivamente uma sociedade ainda sub-  
missa a padrões de vida patriarcais e, no íntimo, quase tão aves-  
sa à mercancia quanto às artes mecânicas. Contudo não convem exa-  
gerar demais a transformação que o influxo da nova atividade pro-  
mete realizar. Há na figura do tropeiro uma dignidade ainda se-  
nhoril, que revela a persistência de uma tradição inconciliável, a  
rigor, com a chamada moral capitalista. A dispensa muito fre-  
quente de outra garantia, nas transações, além da palavra empenha-  
da, que se atesta quando muito no gesto simbólico de trocar um fio  
de barba em sinal de assentimento, casa-se melhor com as noções  
cavalheirescas e feudais da lealdade do que com o conceito "mo-  
derno" de honestidade e crédito comerciais.

Ninguém duvida que a ocupação a que se entregavam esses  
negociantes de animais era em muitos aspectos produtiva e útil à  
coletividade. Mas o espírito em que a conduziam tendia a mascu-  
rar de qualquer modo sua feição utilitária e, em suma, era menos  
de bufarinheiros do que de barões. A ostentação da capacidade  
pode valer quase por uma demonstração de coragem e força física.  
Ao menos nisto, e também na aptidão para enfrentar uma vida cheia  
de riscos e rigores, o tropeiro pertence ainda à família bandei-  
rante.

É mister acrescentar, todavia, que entre essa gente, ao  
lado de paulistas e de curitibanos, também se acham, irmana-

no mesmo afã, muitos naturais do Rio Grande, sem falar nos brasileiros de outras provincias e até de orientais e correntinos, que frequentam, não raro, as feiras anuais. Acrescentando-se a tantas heranças comuns, esses contactos tendem a forçar uma aproximação maior nos modos de vida das populações sulinas, principalmente das terras de São Paulo e de São Pedro, que não de perder pelo menos até à expansão da grande lavoura cafeeira e ao advento das estradas de ferro.

Entre paulistas, a abertura do caminho que, por terra, levava à Colonia do Sacramento, passando pelas campinas do Vião, ~~abre uma fase nova~~ <sup>marca época</sup> na vida da capitania. Permitindo um convívio assiduo com o "castelhano" do Prata, essa estrada não só há de influir em sua vida económica, mas há de deixar um vinco iniludível nos usos de sua gente. Já nos primeiros séculos da colonização esse convívio generalizara ali a cuia de tomar erva, que aparece constantemente em inventários bandeirantes. Agora é a vez dos chapéus largos e do poncho, sobretudo do poncho azul forrado de baeta vermelha, que se há de tornar uma espécie de traje local dos paulistas, durante longo tempo.

Nas grandes bandeiras seiscentistas, o emprego de cavalgaduras era praticamente ignorado. A marcha fazia-se a pé, cessando nas horas em que aumentava o calor: "marcha à paulista", como se dizia. Montoya diz expressamente, dos "portugueses de San Pablo" ~~que~~ (assim chama os bandeirantes preadores de índios), que a pé e descalços andavam por terras, montes e vales, trezentas e quatrocentas léguas, como se passeassem nas ruas de Madrid. Dps vinte e poucos cavalos que, por exceção, saíram, em 1722, na bandeira do segundo Arhanguera, quase todos pereceram no caminho e, em verdade, de pouca serventia se mostraram por entre brenhas ásperas como as que, logo depois de Jundiá, se atravessavam no percurso. Aqui, como no restante do Brasil e em quase todo o Novo Mundo, a América do Norte inclusive, o primeiro progresso real sobre as velhas trilhas indígenas, pouco melhores do que carreiros de ante, só é definitivamente alcançado com a introdução em larga escala de animais de transporte. E em São Paulo, particularmente, com as primeiras tropas de muareidas do sul. Quebrando e varrendo a galharia nas florestas espessas, os animais, com suas bruacas e surrões ajudavam naturalmente a ampliar as passagens.

Só depois ~~da~~ da grande época das bandeiras é que as cavalares começam a penetrar, e rapidamente penetram, na rít-

mo ordinário da vida de São Paulo. Mesmo nos meios citadinos, os manejos de cavalaria, o tirar de lanças, as festas de escaramuças, as certilhas, as encontroadas, são apresentadas como divertimentos favoritos da população. Inácio Dias foi, segundo Pedro Taques, um dos mais dextros que se conheceram em todas essas artes. "Na vilência da carreira", escreve, "se debruçava para o lado direito ou o esquerdo, a levantar do chão qualquer coisa que se lhe destinava em qualquer baliza, e nisto era a execução de brinquedo, com tanta dextreza e airoso garbo, que sempre conseguia os aplausos dos circunstantes". Pertencia a uma nova raça esse neto de bandeirantes, que preferia brilhar nos povoados a fatigar-se nos sertões. Bento do Amaral era outro, capaz de montar o animal mais manhoso, sem perder o assento nem o aprumo, nem as estribeiras, e quando se apeava já o bicho estava manso.

Ainda em 1839, na famosa "Notícia Descritiva", onde se refere ao que chama a "espécie de aliança" que os habitantes do Rio Grande tinham contraído com o cavalo, Nicolau Dreys chega a pretender que coisa semelhante, posto que em grau menor, ocorria então aos de São Paulo. Na verdade, diz, "a mesma propensão se descobre em toda a família Paulista, porém não em grau tão subido. O Rio-Grandeense folga de percorrer suas imensas planícies sempre a cavalo; o Paulista he tambem cavaleiro, e bom cavaleiro, mas seus habitos desafião o cansaço de todas as formas..."

Obra, em grande parte, da constancia e intensidade de suas comunicações, a tanto pudera levar a influência ~~de hábitos~~ e interesses semelhantes entre ambas as províncias que, nas suas Idéias Gerais sobre a Revolução do Brasil, escritas um ano depois da Inde Independência, acenara Sierra y Mariscal para a perspectiva de se separarem elas da obediência ao D. Pedro I passando-se talvez para a órbita platina. Com bõa dose de exagero presunçao castelhano que, desde a emancipação do Brasil, decrescera muito o comércio de ~~entre~~ São Paulo <sup>com</sup> o Rio de Janeiro, e mesmo <sup>de</sup> Santos como Rio, em pro- veito do intercambio com os espanhois do Prata, onde uns e outros, espanhois e paulistas tinham tuõ a ganhar. E acrescenta: "Muito tem contribuido para isto que o povo paulista hé muito paressido com o do Rio Grande e hum e outro com os do Rio da Prata".

Real ou só aparente, a similitude <sup>pode</sup> prender-se, largamente, ~~em~~ aos nexos intensificados cada vez mais pela projecção ~~de~~ das feiras sorocabanas. A presença de tais nexos, se pode deixar sua marca nas formas de vida e convivio, é de esperar que chegue também até às formas de expressão e ao voca

bulário. Neste caso pode dizer-se que influências existem, e são recíprocas. Significativo é o caso da vocábulo tubiano, aplicado de início ao cavalo que montava o brigadeiro Tobias, quando, vencida a revolução de 1842, procurava vir ao encontro dos seus correligionários farroupilhas. Com o tempo, a palavra, tomada do nome do chefe liberal sorocabano, irá difundir-se, não apenas no sul do Brasil, mas ainda nos Estados vizinhos, de língua castelhana.

De outro lado pode lembrar-se o exemplo da palavra serigote, usada para designar um tipo especial de sela. Se é exato, como se acredita geralmente, que se trata de uma transposição de palavras alemãs — do alemão "sehr gut", naturalmente mal interpretado — não é plausível supor que sua maior difusão, mesmo no Rio Grande, onde nasceu, fosse muito anterior à segunda metade do século passado. Pois num Almanaque da Província de S. Paulo para 1873, já encontro, no rol das Artes, Indústrias e Ofícios de Sorocaba, só de Sorocaba, 16 "serigoteiros", quer dizer fabricantes ou comerciantes de serigotes. Nenhum outro negócio, salvo apenas o dos ferreiros, e estes vão a 18, acha-se mais largamente representado na lista. Isso ~~mostra~~ mostra o rápido curso que podiam alcançar então, no sul de São Paulo, expressões regionais rio-grandenses, mesmo expressões de cunhamagem relativamente recente, como essa, explicável pela presença da colonização germanica.

É fácil pensar que <sup>(ainda aqui e aqui sobretudo,</sup> a grande responsabilidade pelo rápido comércio de costumes, idéias e vocábulos <sup>cabe</sup> ~~se deve, neste caso,~~ à instituição das feiras <sup>de animais,</sup> que todos os anos, pelo mez <sup>de</sup> ~~de~~ <sup>maio ou</sup> junho, tumultuavam uma cidadezinha ordinariamente <sup>tranquila</sup> ~~pacata~~. O assunto, tão mal estudado até hoje, teve, ~~no~~ <sup>em</sup> entanto, durante a grande época desses negócios, quem lhe fixasse alguns dos aspectos mais curiosos. Ocorre-me, a propósito, citar certo autor, pouco lembrado em nossos dias, F. L. d'Abreu Medeiros, que nos anos de 1862 e 64 lhe devotou vários escritos de sumo interesse para quem se proponha investi-gá-lo. O autor tem ao menos isto de comum com seu grande conterrâneo Varnhagen, que no frontespício de um dos seus livros, intitulado Curiosidades Brasileiras, e expressamente dedicado aos "amigos da Literatura", se declara, com orgulho bairrista, "natural de Sorocaba". Mas descontada essa particularidade, nada tem de historiador, no sentido usual da palavra, e nada quer senão oferecer-nos um modesto e fiel relatório de alguns usos de sua terra.

Vale a pena repetir aqui esta passagem onde apresenta, colhidos da experiência pessoal e direta, alguns traços do personagem principal ~~daquelas~~ das feiras. "A vida do tropeito", escreve Abreu Me-

deiros, "é sem duvida a mais cheia de sobressaltos, de inquietações e de sofrimentos. Romper sertões extensos, só habitados de indígenas e feras bravias; penetrar até os mais recônditos lugares do Rio Grande, e às vezes transpor os limites da província, ir até ao castelhano, em busca de melhor fazenda e de negócio mais vantajoso; voltar debaixo de rigoroso sol e copiosas chuvas, com uma tropa de 500, 800 e 1.000 bestas; correr a extensão dos campos e entranhar-se pelas espessas matas após aqueles animais que fogem da ronda, que se extraviam e morrem continuamente, e que, por um pequeno descuido, se entrevêram com tropas de outros donos; atravessar com grande risco de vida os rios que cortam a estrada; comer ao romper do dia e à noite o mal cozido feijão de caldeirão e o velho churrasco, saboreando também o infalível chimarrão; ver-se obrigado, pela falta de uma barraca ou pela impossibilidade de arma-las, a dormir ao relento, sem outro teto mais do que a abóba da celéste, estendido à beira de um arroio, sobre um chão duro, apenas forrado da xerga e carona, repassadas do suor do matengo lerdado e cansado, tendo por travesseiro o lombilho, único arrimo que se oferece por esses despovoados para amparar a cabeça de um pobre corpo; acordar assustado ao contacto das águas do insignificante riacho, crescido repentinamente com a chuva inesperada, caída lá pelas cabeceiras...

"Parece que semelhante vida só deveria ser própria de homens do campo, afeitos a ela desde a infância, e que pessoas educadas com mimo e delicadeza, e outras já de alguma fortuna, não deixariam seus bons colchões e comodidades para abraça-la. Mas não é assim. Como o negócio das bestas tem sido um dos mais vantajosos, à exceção de alguns anos ruins, muitos dos nossos patrícios, nascidos nas cidades com todas as regalias, se têm dedicado à vida do tropeiro, sofrendo animoses todas as suas peripécias".

Outro retrato, mais adiante, apresenta-nos Sorocaba, na ocasião do grande ajuntamento, quando começam a concorrer, de um lado os compradores, fluminenses, mineiritos, "bahianos" das mais várias procedências, e de outro os vendedores, com suas bestas em número de 40 e 50.000, que podem render 2 a 3.000 contos da época. Isso sem falar na profusão dos que, aproveitando a oportunidade, vão a fazer seus negócios particulares: mascates alsacianos, joalheiros, pelotiqueiros, dentistas de emergência, companhias dramáticas, cavallinhos, cantoras, tangedores de instrumento, mulheres de <sup>ma</sup>vida, ~~obras~~ patoteiros, vadios, pelintras, traficantes de toda casta. "A cidade, prazenteira e ruidosa", diz ainda o mesmo autor, "sobrepuja muitas

capitais de província. As ruas são cruzadas por uma multidão de cavaleiros, que interrompem o socego público com o repinicar das ferraduras dos animais, que batem fortemente nas calçadas. As casas ficam apinhadas de gente de fora e por um aluguel fabuloso, a ponto de excitar a cobiça de alguns indivíduos mais necessitados, os quais alugam também as suas propriedades, passando a residir, por alguns dias, em pequenos casebres mais baratos, ou com amigos e parentes. Os espectáculos abundam, os divertimentos redobram, as despesas crescem e o dinheiro gira em grossas somas. Aquí e alí vêm-se grupos de pessoas a pé, umas conversando em altas vozes e outras lendo cartazes pelas esquinas, pregados naquele instante, ao som da música e ao estrépito dos foguetes; compradores e vendedores, uns a desfazer negócios quase concluídos, engrandecendo a própria: mulada em flor, redondinha de gorda, de berro grosso, bico arcado e rasto grande, expressões estas", conclui Abreu Medeiros, "empregadas pelos verdadeiros monarcas da coxilha".

O livro todo, perto de quinhentas páginas, arrasta-se nessa toada, de <sup>uma</sup> monotonia que, sem o pitoresco das cenas e expressões características, se tornaria verdadeiramente inexpugnável para o leitor menos paciente. A melhor inteligência do texto é facilitada pelas glossários <sup>preliminares,</sup> ~~apostrofados~~ apensos a cada um dos dois volumes e dedicados à gente "de fora", além das duas estampas que mostram, uma a cidade, e outra a ponte que lhe deu o nome completo: Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba.

A longa história das feiras, que ainda está para ser escrita, mal se compendia, no entanto, em dados como estes, que dizem respeito quase sempre ao século XIX. Nem me toca insistir muito neles, o que seria fugir ao tema proposto para esta palestra, isto é à fase colonial. Um grande empecilho estava no pouco tempo que me coube para a coleta de documentário de primeira mão. O remédio era abordar outra matéria que, se não pertence própria-mente à história, situa-se de algum modo na prehistória do negócio dos mares, que, por intermédio de São Paulo, vinculou o extremo sul ao centro do Brasil — particularmente às Minas Gerais — ou mesmo ao norte. À ocupação da praça do Sacramento associa-se melhor do que a qualquer outro episódio, o nascimento e formação do atual Rio Grande do Sul. Mais certamente do que a organização das Missões do Uruguai ou das primitivas incursões bandeirantes, que dele parecem separar-se por parênteses fechados. Ao lado disso, u-

ma notável figura humana, a de Cristóvão Pereira de Abreu, o primeiro grande tropeiro e abridor de caminhos, que estão às origens da integração do Continente do Rio Grande no conjunto da América lusitana, é inseparável, em dado momento, da história do estabelecimento português à margem esquerda do Prata.

No prefácio que escreveu Capistrano de Abreu para a História Topográfica e Bélica da Nova Colonia do Sacramento, na primeira e única edição, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil, lêem-se estas palavras, sugeridas pela obra de Simão Pereira de Sá: "Seu valor ~~varia~~. No primeiro e segundo livros não existiam documentos. A imaginação domina; as tradições são amplificadas; alastra em desenvolvimento incoercível a desesperadora arte, tão portuguesa e brasileira, de encher páginas e páginas sem dizer nada realmente. No terceiro livro pisa-se em terreno mais sólido e aparecem espécies novas. É pena que exatamente seja esta a parte mutilada. Falta-nos assim a crônica do povoamento de São Pedro".

Hoje não teria mais razão de ser a última observação. O achado do manuscrito integral, de que se tem notícia pelo menos desde 1936, através de artigo de Rubens Borba de Moraes, ou já antes, pelos catálogos da livraria Magg Bros, de Londres, serve para cobrir a lacuna, ~~vacante~~ Meu conhecimento ainda imperfeito, e que espero melhorar, da moderna historiografia rio-grandense, impede-me de dizer até onde foi usado o texto completo de Simão Pereira em pesquisas sobre a matéria tratada <sup>pelo sócio</sup> ~~pelo sócio~~ ~~mem~~ ~~bro~~ da Academia dos Selétos.

De sua existência teve notícia Jonatas da Costa Rego Monteiro quando redigia seu opulento estudo sobre a Colônia do Sacramento. É certo que se refere simplesmente a "cópia existente em Londres no Magg Bros", quando a mesma cópia já pertencia à brasileira de Felix Pacheco ou mesmo à Biblioteca Municipal de São Paulo, que a adquiriu e onde permanece. Por outro lado, numa das suas notas, alude, a propósito do pessoal que acompanhou Silva Pais para a fundação do Rio Grande, a certo inédito, que não estava autorizado a revelar qual fosse, onde depa-rou com a cifra de 420 homens e com os nomes dos oficiais da expedição do Brigadeiro à Barra em que se deveria erigir o Presíd- dio. Como aquele total de 420 homens e mais os nomes os oficiais se encontram no manuscrito de São Paulo, a fls. 184, § 721, é lícito presumir que seja, este, o misterioso inédito.

De outro erudito historiador, Aurélio Porto, pode-se ter certeza ~~de~~ que consultou, ao menos em cópia, parcial, o mes

mo manuscrito, pois que expressamente o cita e dele transcreve literalmente alguns trechos em sua História das Missões Orientais do Uruguai. É curioso, não obstante, que se engane quanto à localização do códice, pois escreve Museu Paulista onde deveria estar Biblioteca Municipal de São Paulo. Além disso deixa de cita-lo entre os manuscritos que assinala na Bibliografia consultada, às últimas páginas de sua obra.

Seja como fôr, o final da História Topográfica e Bélica, de que durante muito tempo só se conheciam e estão impressas duas terças partes, não invalida algumas das críticas que ao Dr. Simão Pereira de Sá dirigiu o prefaciador da edição de 1900. Nem desautoriza, ~~a rigor~~ <sup>rigorosamente</sup> a data que procurou atribuir-lhe: "depois de 1737 ... antes de janeiro de 1750", pois que a primeira delas — Em o anno de 1737 — já figura à página de rosto do manuscrito de São Paulo. Contudo, em apêndice ao mesmo códice, há ainda uma "Breve Notícia da Colonia do Santíssimo Sacramento e Diário de seu último ataque pelos Castelhanos no ano de 1762", inexistente nas outras cópias, além de uma carta onde se dá conta do que ocorreu desde a tomada da dita Colônia, endereçada em junho de 1763 a Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Só a data de 1737 já serve para desenganar os que, aceitando ao pé da letra a sugestão de Capistrano de Abreu, esperem achar aqui a crônica do povoamento de São Pedro. O mais que poderia fornecer então, um cronista bem informado, é uma notícia da fundação do presídio de Jesús Maria José, efetuada justamente naquela data. E bem informado devia estar, naturalmente, o doutor Simão Pereira, uma vez que escreveu por ordem de Gomes Freire de Andrade, que tamanha parte teve na iniciativa e no seu bom sucesso.

Esse pouco que alcança o cronista da Nova Colonia já ajuda, de qualquer modo, a melhorar ou precisar o que antes se conhecia das origens da empresa e, em particular, do papel que nela coube a Cristóvão Pereira de Abreu. Sabia-se como, no começo do sítio que poz Dom Miguel de Salcedo ao reduto português do Prata, já temiam os castelhanos alguma inopinada descida dos paulistas e lagunistas <sup>em</sup> direção de Montevideo. O alarme dado pelo próprio regente da praça, que afinal se revelou sem fundamento, serviu em todo caso para que, no intuito de prevenirem a surpresa, os inimigos abrandassem o rigor do assédio. Isso mesmo consta já da parte impressa da Historia Topográfica.

Pormenores sobre uma nova ameaça paulista, esta real, podem encontrar-se nas seções ainda manuscritas da obra. Numa

delas, por exemplo, lê-se como, estando casualmente em São Paulo e cientificado do sítio da Colônia, Cristóvão Pereira de Abreu, "instigado da honra e arrojo do Conde de Sarzedas, general daquela provinça", teve o pensamento de ir atacar os sitiados pela campanha. Nesta tenção congregou em São Paulo e adjacências 170 companheiros, aos quais sustentava de sua fazenda e mantinha com a esperança de premios. E ainda que fosse um corpo tão pequeno e mal armado, muito pôde fazer pela causa portugêsa, e mais fizera, ajunta o cronista, "se fosse igual ao menos a qualidade das armas à quantidade dos homens". Convem notar que esta passagem da crônica não se acha perfeitamente corroborada em outros documentos conhecidos, onde se pode colher que seria bem melhor a qualidade das armas e ligeiramente menor ~~o numero~~ <sup>a quantidade</sup> dos homens.

Os sucessos imediatos da expedição de Cristóvão Pereira, suas tentativas malogradas, junto ao governo do Rio de Janeiro, para obter reforços destinados à projetada diversão sobre Montevideo; as lutas que travou com os Tapes e os triunfos que sobre eles alcançou; seu estabelecimento na barra do Rio Grande de São Pedro, onde afinal se entrincheirou, montando alí quatro peças de artilharia de pequeno calibre e organizando um sistema de vigilância que abimuni-zasse até certo ponto contra novos ataques dos índios ou talvez de esparhois, tudo quanto a esse respeito consta do manuscrito foi aproveitado e publicado por Aurélio Porto. E o mesmo cabe dizer da parte relativa às atividades de Silva Pais, desde que chegou à Barra até que, em dezembro de 1737, tornou ao Rio de Janeiro.

Sobre a inquietação de Buenos Aires acerca do novo estabelecimento dos portugêses e da missão confiada por Salcedo a um alferes, de ir verificar ali se, ~~como suspeitava~~, aquela posição fôra ocupada e fortificada posteriormente ao armistício, acrescenta, no entanto, o autor da História Topográfica ~~certas~~ pormenores que não constam da documentação já conhecida. Só por isso, e porque esse passo não foi usado por Aurélio Porto, e ainda para <sup>(ao menos)</sup> dar uma amostra da <sup>fraseado</sup> ~~linguagem~~ barroca do doutor da Academia dos Seletos, vale apenas reproduzi-lo aqui. "O mesmo Alferes dos protestos e embaixada", afirma o Dr. Simão, "viu e prezenciou aquellas obras, q̃ por adiantadas não podião ter em curto tempo tão avançados princípios, confessando de plano q̃ a fortificação, por sua regularidade e perfeição, mostrava huma origem mais antiga q̃ a sua suspeita; porque alem de não ser a gente de sobra para se dividir na manufactura de tantos reductos e fortalezas, erão os postos tão separados que as distancias embargavão os desejos de se ajudarem huns aos outros, fazendo-se ~~assim~~ assim impraticavel a ideia de D.

Miguel pela Inspeção ocular, ainda mais em Pays que a construção dos edifícios era difícil pela grande e irremediável necessidade de Cantaria e alvenarias. Justificada esta Certeza prescindirão as instancias, prevalecendo a verdade contra as sombras das mentiras".

Se o armistício ainda assegurou, por algum tempo, aos portugueses, a conservação sempre intranquila da Nova Colônia, parece fóra de dúvida que, a partir daquele momento, ~~estava~~ <sup>ficava</sup> selado o seu destino. A longa resistência ao assedio castelhabo só se devera à boa fortuna, ao amparo solícito, mas nem sempre possível ou oportuno, do governo do Rio de Janeiro, e principalmente à obstinação intemerata do brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcelos. Na ausência de qualquer desses fatores, certamente excepcionais, só por milagre se poderia esperar a posse indefinida de uma praça arredada do restante das possessões portuguesas, ilhada entre campos ermos e povos hostis.

A idéia, ventilada quase simultaneamente com a primeira fundação da Colônia, de abandono pelos portugueses de sua posição no Prata em favor de outra que lhe cedessem os castelhanos, mais contígua aos seus domínios, na América ou em qualquer outra parte, podia ganhar novo alento. Ainda em 1720, dirigindo-se ao governador da praça do Sacramento dissera el-rei D. João V que a Colônia era "de tanta importancia para sua Corôa, que não a trocaria pelo mais vantajoso equivalente que lhe oferecessem os castelhanos. Dez anos depois do armistício, a possibilidade das compensações amadurecera tanto, que, mesmo do lado português, a única dúvida suscitada era o saber-se onde ~~estiveriam~~ se dariam. Primeiro pensou-se na bacia amazonica, depois nas fronteiras de Mato Grosso, ~~em~~ por fim, assentou-se que ficariam no lugar dos Sete Povos das Missões.

Iniciados em 1746, os debates diplomáticos irão redundar no tratado de Madri, que, apesar de seu malogro, serve para aproximadamente demarcar, no futuro, as concessões possíveis e as prováveis reivindicações da Corôa de Portugal. O presidio do Rio Grande, que a princípio parecia parecer uma criação de emergência, explicavel principalmente pelo ~~convênio~~ <sup>empenho em</sup> de se conservar <sup>de</sup> e garantir <sup>de</sup> a fortaleza do estuário, acabaria por converter-se, apesar dos revezes padecidos, em ocupação definitiva. Para ter mantida <sup>a</sup> posse, antes <sup>de</sup> se repetisse o sucedido com a colônia do Sacramento era de toda importância fortificarem-se os pontos mais vulneraveis da costa sul, e estava ~~precisamente~~ nesse caso a ilha

de Santa Catarina. Mas essa mesma providência resultaria inócua se não a acompanhasse a da colonização da área escassamente povoada, que ia desde Paranaguá, quando muito desde a Laguna, até ao novo presídio da Barra do Rio Grande.

A ocupação militar de Santa Catarina, que deveria tornar-se capitania subalterna, foi confiada em 1739 a José da Silva Pais. Quanto à providência complementar, vivamente reclamada pelo mesmo Silva Pais, do povoamento da ilha e do Continente com famílias naturais dos Açores, não lhe foi dado seguimento imediato, apesar de parecer favorável do Concelho Ultramarino, e embora já se achasse prevista desde 1736 nas instruções expedidas da Corte de Lisboa sobre o plano de ação a seguir-se no Rio da Prata. Ainda em 1742 insiste o fundador do Rio Grande na necessidade de serem mandados casais das Ilhas, além de alguns recrutados, "o que seria utilíssimo", acrescentava, "porque assim se aumentaria a cultura daquelas terras que eram próprias não só para todos os frutos da América, senão também da Europa, e que dos filhos dos mesmos casais se recrutariam o Terço e as Tropas que ali assistissem e que seriam mais permanentes que os de fora".

Por uma coincidência significativa há de reaparecer a idéia em Lisboa, e agora com melhor fortuna, exatamente nos anos em que se efetuam as negociações preliminares de que resultará o Tratado de Madri. No começo de 1748 chega ao Desterro o primeiro comboio trazendo 85 casais, num total de 451 pessoas. No mesmo ano, e nos seguintes, até 1753, novas levadas aportam incessantemente, perfazendo ao todo, segundo se tem apurado, mais de 1.100 casais e perto de 6.500 pessoas. Dessa gente, parte ~~foi~~ transferida em sumacas ao Rio Grande, e outros se encaminham para lugares mais próximos, no continente. Com a colonização regular e sistemática, assim empreendida, <sup>vai-se</sup> alcançaram de pressa aquilo que ~~o~~ afluxo de povoadores oriundos de outras capitanias só era dado realizar de forma dispersiva e lenta. Ao mesmo tempo assegurava-se, antes que tardasse, a efetiva posse de uma vasta extensão de território, ameaçada pelo castelhano, e consolidava-se <sup>da banda do</sup> sul, a silhueta geográfica do Brasil, tal como hoje se ~~apresenta~~ <sup>apresenta</sup>.

Não é sem interesse um confronto entre o processo de incorporação desse território aos domínios lusitanos e o que fora mais de um século antes, a expansão no extremo norte. Aqui, a costa arenosa, os parais e baixios <sup>adversos</sup> ~~inhospitos~~ ao navegante, lá uma região árida e inhospita, formada, para além da Paraíba, pelo Rio Grande do Norte e em grande parte pelo Ceará, tendiam

a estabelecer balisas naturais para a extensão do povoamento. Era mister saltar sobre tais obstáculos, em busca de lugares mais ~~bom~~ <sup>acolhedores.</sup> Assim tentaram fazê-lo os luso-brasileiros, rumando, de um lado, para São Luís do Maranhão, e de outro, para o estuário platino.

Nos dois postos avançados foi preciso enfrentar a oposição de povos rivais: no Maranhão <sup>da</sup> dos franceses, ainda mal plantados no lugar e praticamente confinados à ilha onde tinham erigido uma fortaleza e uma povoação; na Colônia do Sacramento, a dos castelhanos de Buenos Aires, que, fixados desde longa data na margem esquerda do estuário, tinham melhores meios para sustar o avanço português sobre terras que reivindicavam para sua Corôa. E se cerceados, aqui, pela vizinhança do espanhol e constantemente desafiados por ele, tiveram de contentar-se com uma simples fortaleza e, quando muito, com um entreposto de contrabando, isolado por terra de suas possessões americanas; lá, vencido o reduto dos intrusos, nenhum obstáculo insuperável deviam encontrar numa investida em direção à boca do Amazonas e para lá do Amazonas, <sup>na qual</sup> como de fato, tentaram e realizaram.

Há ainda outro aspeto por onde se distingue o processo de expansão nas duas regiões extremas. No norte, a participação de elementos largamente familiarizados com a terra, alguns deles mamelucos, como o próprio Jerônimo de Albuquerque, outros já bem afeitos ao trato, á linguagem, aos costumes do gentio, como Diogo de Campos Moreno, tiveram papel decisivo nesse alargamento do território luso-americano. Naturalmente interessada nela, a metrópole cuidou de confirmar um movimento que se processaria espontaneamente, tanto que seus agentes mais graduados, como Cristóvão de Moura, tudo faziam para lisonjear os capitães mestiços, evitando ferir-lhes as suscetibilidades.

Mesmo na costa áspera, que separa do Maranhão a Paraíba, aqueles homens, senhores dos segredos da terra e habituados a todas as privações, tinham sabido utilizar as enseadas capazes de fortificação e povoamento, ao mesmo tempo em que tratavam de atrair a simpatia dos principais indígenas, que pudessem cooperar para o bom resultado da empreza, ou ao menos <sup>para</sup> não prejudicá-la. Seguros ~~nessa~~, do lado do sertão, puderam, no litoral, improvizar uma linha de estabelecimentos estrategicamente situados, os quais, dispersos, embora, e pouco estaveis, supriam, ainda assim, a dificuldade natural das comunicações.

No extremo-sul, ao contrário, dependera toda a iniciativa da ação oficial. É certo que de São Paulo, terra de muita

mestiçagem com índios, e cujos moradores, além do hábito das longas jornadas no sertão, se tinham afeito à peleja contra o castelhano, recrutou-se boa parte dos expedicionários para a fundação da Colonia. Mal se pode esperar, porém, que ousassem exibir toda a sua capacidade em iniciativa que, no fundo, <sup>devia ser</sup> ~~parecia~~ indiferente aos seus interesses, entregue, ainda mais, ao capricho de capitães emboabas, essa gente tradicionalmente infensa a toda sujeição que não lhes fosse insuflada pela necessidade de superar os rigores do sertão, as surpresas do gentio contrário, ou a resistência dos catecúmenos, mestiços e eventualmente crioulos espalhados, acostumados, de qualquer modo, como eles, à milícia da terra. Convidados com enganos, quando não literalmente enganados, para o serviço da Corôa, não os levava à aventura platina um esforço verdadeiramente espontâneo, como o que movera muitos pernambucanos e paraibanos à conquista do Maranhão e da Amazônia.

O que naturalmente os seduzia e onde se haviam com incomparavel denodo, era o sertão longínquo e pouco acessível ao europeu, que lhes acenava com milagrosas promessas. É verdade que, aos poucos, paulistas, santistas, vicentistas, iam estabelecendo seus postos avançados nos caminhos do sul, e mesmo no litoral sul, em direção ao Rio da Prata. Mas o movimento, esse de fato espontâneo e, quando muito animado pela Corôa, era naturalmente vagaroso e disperso. Depois de povoados Paranaguá e Curitiba, a ilha de Santa Catarina e Laguna, estas <sup>últimas</sup> simultaneamente, ou quase, com a fundação da fortaleza platina, e uma, ao menos, relacionada em seus inícios com essa fundação, marcam, ao terminar o século, os extremos do <sup>avanço</sup> ~~expansão~~ nessas partes.

De Laguna a mesma corrente há de inflectir mais para sudoeste, se quizer fugir à esteril desolação daquela costa. Era forçoso, porém, que essa gente experimentasse radical mudança em seus modos de vida, passando da lavoura e da pesca para o pastoreio e eventualmente <sup>para</sup> a criação de gado alçado, a que muitos se vão dedicar, desde o momento em que se ofereçam condições melhores <sup>ao</sup> ~~para~~ negócio de animais, nas Minas e no norte. A primeira mudança verifica-se, aliás, na própria Laguna, onde no começo do Setecentos, são assinaladas as prósperas condições de Domingos de Brito Peixoto, povoador da terra. A partir de 1725 é que ocorre a trasladação em larga escala de lagunistas para o Continente, com a "frota" de João de Magalhães, gento de Francisco de Brito Peixoto, natural de São Paulo e um dos fundadores de Santo Antonio dos Anjos da Laguna.

É essa gente que dá o primeiro passo decisivo para a ocupação das terras do sul, onde vai deixar um cunho persistente e inapagavel. Sem a sua presença teria sido certamente bem diversa a fisionomia atual do Rio Grande, e creio que mais pobre.-

9: Estados Unidos - Wisconsin - 1941